

O **CANTO** DAS **GARÇAS** ME **CONTOU**



Manual do Professor

Organização
Aline Silva Lima
Patrícia Pereira Xavier

O canto das garças me contou

MANUAL DO PROFESSOR

IPHAN
Fortaleza
2017

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Michel Miguel Elias Temer Lulia

MINISTRO DA CULTURA
Sérgio Sá Leitão

PRESIDENTA DO IPHAN
Kátia Santos Bogéa

PROCURADOR-CHEFE DA PROCURADORIA FEDERAL
Heliomar Alencar

DIRETOR DO DEP. DE ARTICULAÇÃO E FOMENTO
Marcelo Brito

DIRETOR DO DEP. DE PATRIMÔNIO IMATERIAL
Hermano Fabrício Oliveira Guanais e Queiroz

DIRETOR DO DEP. DE PATRIMÔNIO MATERIAL E FISCALIZAÇÃO
Andrey Rosenthal Schlee

DIRETOR DO DEP. DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO
Marcos José Silva Rêgo

SUPERINDENTE DO IPHAN NO CEARÁ
Otacílio José Pinheiro Macêdo

CHEFE DA DIVISÃO TÉCNICA DO IPHAN NO CEARÁ
Itala Byanca Morais da Silva

CHEFE DA DIVISÃO ADMINISTRATIVA DO IPHAN NO CEARÁ
Francisca Azevedo Mota

TÉCNICOS RESPONSÁVEIS
Cristiane de Andrade Buco
Igor de Menezes Soares

Realização
Central Eólica Volta do Rio S.A.

Execução
Candeia Pesquisa e Produção Cultural

Organização
Aline Lima
Patrícia Xavier

Pesquisa
Aline Lima
Augusto Fick
Lígia Holanda
Patrícia Xavier
Thayane Oliveira

Textos
Aline Lima
Lígia Holanda
Patrícia Xavier
Pedro Ivo Divino
Thayane Oliveira

Ilustrações
Rafael Viana

Projeto Gráfico
Augusto Fick

Revisão Textual
Cristiane de Andrade Buco
Igor de Menezes Soares

Colaboradores
Dimas Carvalho
Francisco José Ferreira Gomes
Patrícia Vasconcelos

Agradecimentos
Angélica Ribeiro – Tucunzeiros
Dona Sulamita – Volta do Rio
Erandir e Vanilson – Curral Velho
Francisco José Ferreira Gomes
João Bosco Andrade – Sede
Prof. Jofre Oliveira – Volta do Rio
Prof.Ramalho Santos – Santa Fé
Profa. Débora Fernandes – Aranaú
Profa. Renata Andrade – Espraiado
Profa. Thercia Barros – Santa Fé

SUMÁRIO

Apresentação 6
Prefácio 7
Os caminhos que construíram o Acaraú 8
UNIDADE 1 – SERTÃO
Farinha tem casa? 12
Boi endiabrado. 14
UNIDADE 2 – MAR. .....
O menino dos olhos de rio 19
O mistério da botija de barro. 21
O Causo de Chico Ciço 23
UNIDADE 3 – SERTÃO MAR
Currais do gado, currais do mar 30
Irmãos de parteira 32
UNIDADE 4 - CIDADE
O barco do tempo 36
Ou tem demais ou está faltando 38

APRESENTAÇÃO

Em 2017 o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) completa 80 anos. A função primordial do IPHAN, no decurso deste período, sempre foi atuar visando à preservação do patrimônio cultural brasileiro – edificações, coleções museológicas, obras de arte, sítios arqueológicos, sítios históricos e manifestações culturais tradicionais do país. Dessa forma, a função preservacionista do IPHAN se dá de diversas formas: utilização de instrumentos legais voltados a garantir a continuidade da existência desses bens, como o Tombamento e o Registro; medidas mitigatórias ou compensatórias, como os Termos de Ajuste de Conduta (TAC); licenciamentos de empreendimentos; identificação e salvaguarda dos bens culturais de natureza imaterial; promoção e produção de conhecimento acerca dos bens que conformam o patrimônio cultural do país.

Dessa forma, o livro *O Canto das Garças me Contou* é parte dos esforços do IPHAN em divulgar o patrimônio cultural de um dos municípios cearenses, Acaraú. Esta publicação refere-se a uma das medidas compensatórias previstas no Termo de Ajustamento de Conduta (TAC003/2014) firmado entre o IPHAN e a Central Eólica Volta do Rio S.A. (processo nº 01496.000254/2008-21) em decorrência de impacto a sítios arqueológicos identificados no município de Acaraú (CE) durante a implantação de empreendimentos eólico e linhas de transmissão.

PREFÁCIO

POR QUE UM MANUAL DO PROFESSOR?

Com este Manual, buscamos contribuir para o incremento do processo de ensino e aprendizagem, auxiliando você o professor, na formação de cidadãos mais conscientes de sua identidade histórica e interessados na valorização e preservação do Patrimônio Cultural.

A História Local é apresentada aos alunos nos anos finais do Ensino Fundamental I. O ensino da História de Acaraú nas escolas é dificultado devido à falta de material didático sobre o tema, haja vista que a única publicação com foco no uso em escolas foi elaborada nos anos de 1990.

Com base nestas condições, compreendendo que os alunos que hoje estão no Ensino Fundamental II viram pouco sobre a história do município e que não devem passar pelos anos escolares sem conhecer, pelo menos, em parte esse conteúdo, optou-se pela elaboração do livro paradidático *O canto das garças me contou*, material do qual este manual é parte integrante.

O livro paradidático tem a função de auxiliar o professor com a abordagem de temas tratados no currículo escolar. Ele tanto pode aprofundar determinado tema, como possibilitar atividades comparativas, desenvolver a curiosidade do aluno sobre temas direta ou indiretamente tratados pelo conteúdo escolar.

O foco principal da publicação O canto das garças me contou é tratar do tema da História e do Patrimônio Cultural do município de Acaraú. Para a elaboração das histórias apresentadas foi realizada uma série de conversas individuais e coletivas sobre a história do município. Dessas conversas elencou-se cerca de trinta temas recorrentes. A partir disso e da pesquisa bibliográfica, definiu-se as unidades e os temas. O trabalho foi realizado por cinco escritores que participaram diretamente da fase de pesquisa.

As narrativas utilizaram personagens fictícios, inspirados em pessoas abordadas durante a pesquisa, além dos espaços e outras referências reais do município, pois a aproximação do aluno com a narrativa é importante para incentivar a busca por mais conhecimento sobre a história do lugar onde moram.

O livro foi composto de nove contos, que podem ser trabalhados separadamente. Antes de qualquer atividade com o livro, sugerimos que seja lido o presente manual. Durante a leitura, o professor perceberá que algumas histórias possuem uma linguagem mais infantil; em outras, a linguagem e os temas são um pouco mais complexos. A ideia principal é que, ao trabalhar temas relativos à História Geral e do Brasil, seja possível associar à leitura uma das narrativas do livro e assim relacionar os assuntos.

As atividades propostas devem servir apenas como indicações, ficando o professor livre para elaborar diferentes formas de trabalhar o patrimônio cultural com os estudantes. Cabe salientar que as referências bibliográficas aqui apresentadas não dão conta da complexidade dos temas. A utilização de outros textos e autores podem colaborar na melhor abordagem dos assuntos.

Bom trabalho!

OS CAMINHOS QUE CONSTRUÍRAM O ACARAÚ

Como surge uma cidade? Quando o Acaraú começou? Com essas perguntas inicia-se nossa jornada.

Uma cidade não passa a existir em dois ou três dias. Há todo um processo específico que motiva seu desenvolvimento: seus espaços naturais são diferentes, os aportes culturais e os diversos interesses que levam grupos sociais a dar início à ocupação de tais localidades são, sem dúvidas, fatores influentes em todo esse processo. O historiador Sérgio Buarque de Holanda, no livro Raízes do Brasil, por exemplo, ao abordar as diferenças de métodos entre a colonização espanhola e a portuguesa, permite-nos atentar para o rigor do traçado urbano que cada processo suscitou. Segundo o historiador, enquanto os espanhóis se preocuparam atentamente com o referido traçado, os portugueses não teriam sido tão rigorosos com o planejamento urbano de seus espaços coloniais. Claro que, embora de um modo geral Sérgio Buarque tenha razão em suas análises, há muitos exemplos que demonstram que os portugueses, quando tinham interesses políticos e econômicos, foram também precisos com a delimitação e o planejamento de seus traçados urbanos. No Ceará, podemos citar como exemplo Viçosa e Baturité.

A região que hoje conhecemos como Acaraú teve como primeiros habitantes os indígenas tapuias e tupis. Das muitas coisas deixadas de herança por esses povos, uma das principais delas foi o nome Acaraú, que significa "Rio das Garças[1]".

No século XVI, as "terras de Vera Cruz", que posteriormente vieram a se chamar Brasil, foram divididas pelo El-Rei português dom João III em capitanias hereditárias e entregues a um capitão-donatário, que era membro de uma pequena nobreza portuguesa ou funcionário da burocracia imperial. O donatário recebia uma extensa faixa territorial, 50 léguas de costa, que ia do litoral ao sertão e nela poderia explorar as riquezas encontradas. Ademais, o capitão-donatário tinha o direito de doar sesmarias, que foi uma forma de garantir a efetividade do processo de ocupação e principalmente exploração do território. Os sesmeiros recebiam dos donatários determinadas porções territoriais e ficavam incumbidos de empreender o cultivo agrícola das novas terras no prazo de cinco anos, correndo o risco de perdê-las caso não cumprissem o que fora previamente acordado. Este processo só se inicia no Ceará no século XVII. Podemos verificar, pois, que poucos interesses a capitania cearense despertou quando do início do movimento colonizador no Brasil, que teve seu princípio no século XVI. Na capitania cearense, uma parte das solicitações de sesmarias não mencionavam a ambição premente de se desenvolver atividades agrícolas, mas aludiam sobretudo à necessidade de terras a fim de permitir o melhor êxito aos criatórios de gados. Outro elemento recorrente nas solicitações dos sesmeiros se referia ao fato de que a ocupação vindoura renderia a El-Rei o pagamento do dízimo em cima de tudo aquilo que fosse produzido nas terras que, até então, eram tidas como devolutas, argumentos que desconsideravam, portanto, em muitas ocasiões, o povoamento indígena que ocorrera obviamente em um período anterior ao processo colonizador.

Ao se iniciar a colonização do Ceará, os riscos eram constantes, por mar a navegação era difícil, e por terra as condições

do clima eram ruins e havia os indígenas que ali habitavam e combatiam os colonizadores em defesa de suas terras.

O interesse neste território se deu visando à produção de alimentos para abastecer as regiões conhecidas como sertões de fora que produziam açúcar para exportação. Podemos dizer que a pecuária exerceu papel relevante como atividade subsidiária à produção canavieira, como também possibilitou avanço do processo colonizador em direção ao interior do território nordestino brasileiro, o qual durante muito tempo se restringiu a seu litoral. A produção açucareira, sustentada por mão de obra escrava, foi a base econômica do sistema colonial instalado no Brasil. Alguns conflitos envolvendo plantadores de cana e criadores de gado, motivados sobretudo pela destruição das plantações de cana promovidas pelo gado que perambulava a solta, levaram a Coroa Portuguesa a emitir a Carta Régia de 1701, a qual limitava os criatórios a uma distância de cerca de 10 léguas da costa. Desse modo, os criadores de gado tiveram de rumar em direção a novos horizontes e seguir por um território ainda pouco explorado pelos agentes colonizadores.

No final do século XVII, conforme já fizemos observar, uma parte das solicitações dos sesmeiros que se referiam à capitania do Ceará argumentavam seus pedidos considerando suas necessidades ligadas à criação de gados. Clóvis Jucá Neto menciona que, das 2.472 datas de sesmarias solicitadas, entre 1679 e 1824, um pouco mais de 90 por cento apresentaram como justificativa a busca por terras a fim de se desenvolver a pecuária[2]:

Dizem Dona Maria Cezar e João de Freitas Correa que eles suplicantes tem povoado algumas terras nesta Capitania do Ceará com seus gados e cavalgaduras, escravos e homens que os administrão com que tem feito grande serviço, e hora eles ditos suplicantes lhes he necessário terras bastantes para povoarem do mesmo modo quantidade de gado que possuem [...][3]

Esse fluxo ocupacional seguiu a direção dos principais rios cearenses, como o Jaguaribe e o Acaraú. É claro que não foi um fluxo tão contínuo; muitos contratempos se impunham perante tal movimento. O desconhecimento da geografia local foi sem dúvidas um dos componentes que dificultaram os avanços do movimento colonizador. Além disso, cabe-nos mencionar, como outros elementos importantes, o clima semiárido e a tenacidade imposta pela contestação dos gentios que foram relutantes às recorrentes tentativas de submissão.

Neste ponto começa a se configurar o interesse de povoamento e desenvolvimento da região que se tornou o município de Acaraú. A cabotagem[4] e a comercialização do charque (ou carne seca) foram dois importantes fatores para o desenvolvimento do povoado, inicialmente chamado de Oficina e em seguida Barra do Acaracu.

A produção de charque diminuiu devido a uma estiagem, que ocorreu entre 1790 e 1793. Acredita-se que, após este período, as fazendas de criar gado foram tão severamente atingidas que pouco restou dos grandes rebanhos que ali eram criados. Passando a região a ter como maior destaque econômico a agricultura e a pesca.

Os anos passaram, muitos foram os que chegaram e partiram. O Porto de Cacimbas e o de Outra Banda foram ancoradouros que influenciaram o fluxo de pessoas na região. Com o constante movimento populacional e econômico, o povoado, antes dependente administrativamente

de Sobral, tornou-se vila, em 1849.

Acaraú passou por diversas mudanças. Suas casas, antes de taipa e cobertas com palha, foram substituídas por construções de alvenaria. Palacetes e casas com largas portas e muitas janelas representavam o crescimento da cidade. Nas ruas que compreendem o Centro da cidade, foram construídas muitas casas de comércio, locais que vendiam tecidos, aviamentos, calçados, mantimentos, uma infinidade de produtos que movimentavam a economia local.

As formas de acesso ao município também se modificaram. Por muito tempo, as mais comuns foram o uso de barcos ou cavalos. Os comboieiros eram os que mais conheciam os caminhos, vinham da Serra Grande, de Sobral e de outros lugares no interior do território para comercializar rapadura e peixe seco em Acaraú.

Durante muitos anos, os acarauenses reivindicaram a construção de rodovias, ou estradas de rodagem, como eram mais conhecidas. Os caminhos de acesso a Sobral, Santana do Acaraú, Itapipoca e outras cidades próximas existiam, mas com pouca estrutura. O acesso por via terrestre à capital do Estado teve início em 1951 com a construção da estrada para Itapipoca e de lá para Fortaleza, mas esta só foi finalizada em 1954. Por muitos anos, o acesso a Itapipoca era feito por uma via carroçável, que passava pelo povoado de Lagoa do Carneiro.[5]

Vale lembrar que, para além dos documentos oficiais, provisões, leis, decretos, a cidade de Acaraú surge das pessoas que ali vão morar, constituem família e vão construindo suas casas. São os pescadores, trabalhadores do porto, marisqueiras, comboieiros, comerciantes, professores, agricultores, ou seja, cada um que faz do território às margens do Rio Acaraú sua morada.

UNIDADE I - SERTÃO

A unidade sertão privilegia a discussão sobre a paisagem cultural sertaneja. Primeiramente, abordaremos a festa da farinhada como uma tradicional manifestação cultural do sertão cearense, e como a cultura da mandioca dialoga com o cotidiano da comunidade, tornando-se espaço de convivência, lazer e aprendizado, ligando gerações e transmitindo saberes. No segundo momento, voltaremos nossa atenção para a prática do reisado, manifestação artística intrinsicamente ligada ao cenário cultural local e presente nas festividades do município.

O sertão é uma região geográfica caracterizada pelo clima semiárido, com períodos de seca e presença da vegetação caatinga. Essas características influenciam diretamente no modo de vida das populações sertanejas. O trabalho e a cultura estão intimamente ligados com o clima do sertão, pois representam a maneira como as pessoas lidam com os períodos de chuva e de seca, e como utilizam os recursos naturais disponíveis para a alimentação e lazer.

Considerando a importância da relação entre o homem e o seu meio, nesta unidade decidimos trabalhar manifestações culturais representadas através de um *saber-fazer*[6] e da arte, expressões que são típicas do sertão cearense e do Nordeste.

Conhecer Acaraú é conhecer o sertão, é ouvir falar das farinhadas nos meses de junho e julho, é virar a noite descascando mandioca e contando os causos da vida. Morar em Acaraú é conhecer o reisado e correr atrás do boi na roda. Quem nasceu e cresceu em Acaraú traz isso na memória e se orgulha de fazer parte dessa história.

FARINHA TEM CASA?

As casas de farinha fazem parte da paisagem do sertão nordestino. Durante um longo período da história do Ceará, a produção artesanal de farinha foi uma das principais atividades econômicas. A partir dessa presença marcante, este conto aborda como as festas de farinhada se constituíram como importantes momentos de encontros da comunidade, espaço de divertimento, troca de experiências e saberes.

A CULTURA DA MANDIOCA NO BRASIL

Atualmente, o Brasil ocupa a segunda posição na produção mundial de mandioca com 26,1 milhões de toneladas, ficando atrás apenas da Nigéria[7]. Conhecida por nomes diferentes nos quatro cantos do Brasil – seja macaxeira, aipim ou maniva - a mandioca[8] pode ser classificada em dois grandes grupos, a mandioca "brava" com alto valor de ácido cianídrico (considerado tóxico para o consumo humano sem o devido processamento) da qual se faz a farinha, e a mandioca "mansa" que possui menor teor de ácido cianídrico, da qual se prepara a farinha de suruí e o carimã[9]. A mandioca e seus produtos fazem parte da história e da agricultura nacional. Constituiu a base da alimentação indígena antes da colonização e teve o aumento da produção propiciado pela inserção do maquinário português, tornando-se um dos principais alimentos da colônia.

Pertencendo à tradição alimentar do Brasil, continua sendo muito consumida no país pelo seu valor nutricional, assim como possui grande importância na economia de subsistência da população rural. Nesse contexto, o Nordeste destaca-se como maior região produtora de mandioca no país.

Pela importância atribuída dentro da cultura brasileira, desde 2007 comemora-se o "Dia da Mandioca" em 22 de abril.[10]

COMO SE FAZ FARINHA?

Em *Farinha, feijão e carne-seca: um tripé culinário no Brasil colonial*[11], a autora Paula Pinto e Silva narra o mito que explica a origem da cultura da mandioca entre os Teneteharas[12]. A partir de tal mito é perceptível a importância da mandioca dentro da alimentação indígena no Brasil. Originária da América do Sul[13], a cultura da mandioca e fabricação da farinha de mandioca é uma prática indígena apropriada e transformada tecnicamente pelos colonizadores. A farinhada, como é conhecido o momento de preparo da farinha, tornou-se uma importante manifestação cultural. Em dias de farinhada, homens e mulheres se revezam nas atividades de preparo da farinha.

Sendo a região Nordeste a principal produtora, este processo marcou profundamente a cultura local. As casas de farinha estão presentes na paisagem do sertão nordestino e na memória da comunidade rural.

O processo de fabricação tradicional da farinha está ligado aos saberes e modos de fazer de uma determinada comunidade, sendo parte do seu patrimônio cultural imaterial[14]. Assim como representam um momento de coletividade, de encontros e festividades. A produção é feita de forma coletiva e é destinada, em sua maior parte, ao consumo das próprias famílias envolvidas na fabricação.

POR QUE ESTUDAR A FARINHADA?

Para elaborar o livro *O canto das garças me contou*, a equipe de produção visitou várias comunidades de Acaraú. Nesses locais, conversamos com os moradores mais antigos para conhecer a história da comunidade. A casa de farinha e a farinhada se fizeram presentes nas memórias dos moradores e também na paisagem. Percebemos como este espaço é importante para o trabalho e a sobrevivência das pessoas, mas também, o valor simbólico que possuem como local de encontro, festa e troca de experiências. Acreditamos que, ao ler a história sobre a farinhada, os estudantes criam laços de identificação e podem, dessa maneira, colaborar na valorização e preservação do patrimônio local.

PROPOSTA DE ATIVIDADES

TRABALHANDO COM O PATRIMÔNIO NA PRÁTICA

Vamos trabalhar os saberes e modos de fazer da sua comunidade? Sabemos que conhecer e identificar o patrimônio cultural são passos importantes para a valorização e salvaguarda do mesmo. Por isso, essa atividade visa à integração dos alunos com os detentores dos saberes e modo de fazer da comunidade.

Passo Um: defina uma ou mais manifestações artísticas, objeto construído artesanalmente, costume ou prática tradicional local, em seguida busque na comunidade possíveis parceiros, um mestre ou pesquisador que detenha o saber sobre o tema escolhido.

Passo Dois: incentive os alunos a pesquisarem sobre o processo histórico daquele fazer, origem e mudanças que sofreu ao longo do tempo.

Passo Três: promova um encontro entre seus parceiros e os alunos. Estabeleça momentos

de atividade prática e vivência que articule o que foi pesquisado previamente pelos alunos e o que o parceiro apresentar.

Passo Quatro: defina com os estudantes um produto final, que coloque em prática o conhecimento adquirido e contribua para a divulgação do patrimônio estudado. Pode ser um debate sobre a valorização e preservação do saber fazer. Uma exposição aberta ao público ou um vídeo de divulgação do que foi aprendido.

SUGESTÕES DE MATERIAIS COMPLEMENTARES

Para conhecer mais sobre patrimônio imaterial, sugerimos a publicação "**Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais**", publicação do IPHAN que orienta sobre o processo de identificação, registro e salvaguarda do patrimônio imaterial.

Link de acesso: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasabermais_web.pdf

IPHAN. **Patrimônio cultural imaterial**. 3. ed. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasabermais_web.pdf>.

Para aprofundar o tema da Farinhada, sugerimos a publicação "**Mandioca sabores e saberes**", que consiste em uma publicação do IPHAN e do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. O material foi elaborado a partir da pesquisa para uma exposição que teve o mesmo título, e aborda os vários aspectos da mandioca e sua transformação na farinha e seus derivados, apresentando esse processo de manufatura e as questões culturais que se relacionam a ele.

Link de acesso: http://www.cnfcp.gov.br/pdf/GMV/CNFCP_GMV2006.pdf

BOI ENDIABRADO

Em Acaraú, a brincadeira do Boi é tradição nas festas. Os personagens brincam e dançam na frente do público que se alegra e participa com palmas. Neste conto, trabalhamos a transmissão dessa manifestação cultural de uma geração a outra, ou seja, como um patrimônio familiar. Nino era garoto quando aprendeu a brincar reiso com o tio e se tornou um grande mestre, continuando assim a tradição e preservando a manifestação cultural.

O QUE É REISADO?

O Reisado pode ser classificado como uma dança ou encenação teatral oriunda da Europa e que chegou ao Brasil no final do século XIX através dos portugueses. Originalmente a apresentação do reisado acontece em janeiro, na véspera do dia de reis, 6 de janeiro. Na tradição cristã, o Dia de Reis é quando se comemora a chegada dos três reis magos com presentes para Jesus Cristo. No Brasil, a encenação pode acontecer durante os meses de dezembro e janeiro.[15] A festa é uma homenagem aos três reis magos. Essa manifestação foi apropriada e readaptada no país; conhecida por uma variedade de nomes [16], folia de reis; reisado – de congo, de caretas, ou de couro; boi; rancho de reis; guerreiros etc., também sofreu uma série de mudanças na forma como tem sido praticada ao longo do tempo bem como nas distintas localidades e rincões do país.

No Nordeste e especificamente no Ceará, o reisado - ou reiso- pode ser encenado muitas vezes durante o ano, fazendo

parte das manifestações artísticas do estado e presente na cultura local de muitos municípios cearenses. O reisado possui um mestre – pessoa que dirige a encenação e canta os versos para cada personagem. As personagens variam em cada de tipo de reisado e região, mas de uma forma geral possuem a figura da burrinha, a velha, o caboré, o bode e o boi. Cada uma dessas personagens é encenada pelos brincantes que dançam e representam ao som de versos musicais.

O REISADO EM ACARAÚ

Nas entrevistas feitas para a elaboração do livro, muitos moradores das comunidades visitadas mencionaram as apresentações de reisado como momentos de lazer e divertimento. Essas apresentações acontecem nas praças da cidade em dias de festas, nas escolas e em residências particulares. Acompanhamos uma dessas apresentações que ocorreu na festa junina da escola municipal. Percebemos o entusiasmo com o qual o público assiste aos brincantes, sendo a entrada do boi o momento mais aguardado por todos. Essa personagem interage com a plateia que foge das "investidas" e aplaude ao mesmo tempo. Foi com base nessa observação que consideramos importante valorizar o reisado através de um conto. Na história, ressaltamos a figura do boi por ser, no caso observado, o ápice da encenação e das cantorias. Verificamos como o reisado é uma importante manifestação cultural e artística para os moradores, que muitas vezes conhecem o mestre como referência da "brincadeira" no munícipio.

Unido à figura do boi, ressaltamos a relevância do mestre do reisado. Nossa intenção é chamar atenção para a importância dos guardiões da memória e de saberes.



PROPOSTA DE ATIVIDADE

GUARDIÕES DO SABER

Nesta atividade iremos valorizar os sujeitos que "guardam" memórias ou saberes específicos, considerados importantes e de valor simbólico para a comunidade.

Passo Um: dividir a turma em grupos e determinar, a partir das sugestões dos próprios estudantes, quais serão os guardiões entrevistados;

Observação: o professor pode orientar os estudantes sobre os moradores mais antigos da comunidade.

Passo Dois: estudar sobre a história do saber que o guardião detém;

Observação: por exemplo, caso os estudantes decidam entrevistar uma benzedeira, pedir que eles elaborem uma pesquisa sobre esta prática. A pesquisa não precisa ser exaustiva, mas deve permitir que eles reconheçam o processo histórico, as mudanças ocorridas e as permanências.

Passo três: entrevistar o guardião;

Observação: recolher o máximo de detalhes possíveis. Como começou, com quem aprendeu, se alguém da família tem interesse na continuação da prática etc.

Passo quatro: cruzar a pesquisa histórica com as falas do guardião; perceber as semelhanças e diferenças entre o que foi pesquisado e o que foi dito pelo entrevistado a fim de compreender as particularidades, mas também a memória individual dos sujeitos.

Esta atividade é interessante por tratar também da relação entre as gerações, de saberes e práticas que são transmitidas de uma geração a outra. O professor pode sugerir que os resultados da pesquisa sejam apresentados oralmente para toda turma e/ou por meio de trabalho escrito.

SUGESTÕES DE MATERIAIS COMPLEMENTARES

Professor, visitar o site do IPHAN pode ser uma oportunidade de ampliar as noções de patrimônio cultural material e imaterial com as quais trabalhará em sala de aula.

Link de acesso: http://portal.iphan.gov.br/

REFERÊNCIAS

BARROSO, Oswald. Reisado: um patrimônio da Humanidade. In: *Reisado de Couro (Barbalha-CE) e Reisado Decolores de Dedé Luna (Crato-CE)*. Juazeiro do Norte: Banco do Nordeste, 2008

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade:* lembranças de velhos. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Alimentos regionais brasileiros.* 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2015.

CASCUDO, Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro.* 10. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--].

DENARDIN, Valdir Frigo; KOMARCHESKI, Rosilene. (Org.). *Farinheiras do Brasil:* tradição, cultura e perspectivas da produção familiar de farinha de mandioca. Matinhos: UFPR Litoral, 2015.

QUEIROZ, Rachel de. Casa de farinha. In: ANDRADE, Carlos Drummond de; LISPECTO, Clarice; SABINO, Fernando. *Elenco de cronistas modernos.* 7. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

SERAINE, Florival. Reisado no interior cearense. *Revista do Instituto do Ceará,* ano LXVIII, tomo 51, p.31-83.1954.

NOTAS

1 - O município de Acaraú anteriormente tinha seu nome grafado como Acaracu, cujo significado pode ser encontrado em publicações de autores como Raimundo Girão no livro O Ceará (1966) e Paulino Nogueira, que em artigo no volume dois da Revista do Instituto do Ceará de 1888 apresentou a definição hoje mais conhecida sobre o significado do termo Acaraú.

2 - JUCÁ NETO, Clóvis Ramiro. *Primórdios da urbanização do Ceará.* Fortaleza: Banco do Nordeste, 2012. p.196.

3 - DOCUMENTOS I e II: registro de sesmaria de D. Maria Cezar e João de Freitas Correa. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, ano 7, tomo 7, p. 122, 1893.

4 - Cabotagem é a navegação entre portos de um país, feita em águas costeiras, ou seja, águas marítimas limitadas.

5 - O acesso a Acaraú durante os períodos de chuvas era difícil sendo o transporte aéreo, uma das possibilidades. A cidade teve um campo de pouso inaugurado em 1934, que funcionou com periodicidade de voos, de transporte de pessoas e de correio aéreo até 1957.

6 - Ofícios e modos de fazer, ou seja, as atividades desenvolvidas por atores sociais (especialistas) reconhecidos como conhecedores de técnicas e de matérias-primas que identifiquem um grupo social ou uma localidade. Este item refere-se à produção de objetos e à prestação de serviços que tenham sentidos práticos ou rituais, indistintamente. Entre estes encontram-se a carpintaria no sul da Bahia, a confecção de panelas de barro no Espírito Santo, a manipulação de plantas medicinais na Amazônia, a culinária em Goiás Velho, o benzimento nas várias regiões do país, as variantes regionais de técnicas construtivas, do processamento da mandioca ou da destilação da cana, entre muitos outros. Tal como no caso anterior, os modos de fazer não serão inventariados em abstrato, mas através da prática de determinados executantes. *Inventário Nacional de referências culturais*: manual de aplicação. Brasília, DF: IPHAN, 2000. p. 31.

7 - SOCIEDADE BRASILEIRA DE MANDIOCA. [S.l.], [20--]. Disponível em: <http://www.sbmandioca.org/>. Acesso em,: mar. 2017.

8 - EMBRAPA. Sistemas de produção. [S.l.], 2014. Disponível em: <https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br>. Acesso em: mar. 2017.

9 - Nome científico *Manihot esculenta*.

10 - BRASIL. Ministério da Saúde. *Alimentos regionais brasileiros.* 2. ed. Brasília, DF, 2015.

11 - CONSELHO NACIONAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL. Brasília, DF, [20--]. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/consea>. Acesso em: mar. 2017.

12 - SILVA, Paula Pinto e. *Farinha, feijão e carne-seca:* um tripé culinário no Brasil Colonial. São Paulo: Editora Senac, 2005.

13 - Denominação dada aos índios conhecidos como Guajajara no Maranhão e Tembé no Pará.

14 Brasil. *Alimentos Regionais brasileiros.* op. cit. p. 188.

15 - A farinhada não pertence ao grupo de bens registrados pelo IPHAN. A Farinha de mandioca faz parte dos inventários realizados na região do Pará. Esse processo é importante para o seu reconhecimento enquanto patrimônio da comunidade, valorização e salvaguarda. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>.

16 - CASCUDO, Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro.* 10. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--]. p.774.

UNIDADE II - MAR

Nessa unidade o mar está presente na vida dos personagens, assim como está presente na vida do povo de Acaraú. Ao mar os pescadores recorrem diariamente em busca do pescado. No mar fincam as varas dos currais e esperam pelo vai e vem das marés.

As histórias dessa unidade abordam os mistérios que surgem a partir da relação do homem com o mar. Tanto no conto *O mistério da botija de barro* quanto nos contos *O causo de Chico Ciço* e *O menino dos olhos de rio*, o cenário é o litoral. É nesse lugar que as personagens nasceram e cresceram. Foi olhando o movimento dos barcos, catando mariscos na praia, os caranguejos no mangue, observando a pesca, entrando no mar, correndo na areia, tomando sol, que Bento, Ciço e Pedro construíram seus caminhos.

O MENINO DOS OLHOS DE RIO

O conto nos apresenta Pedro, um menino que amava o lugar onde vivia. Pedro estava ligado àquela paisagem desde que nasceu; ele era "um filho da maré", pois a mãe, que era marisqueira, mariscou por toda a gravidez e o teve numa canoa a caminho da sede do município.

Aspectos trabalhados nesse conto:

LUGARES

Nesse conto somos conduzidos, a partir do olhar do personagem principal, a refletir um pouco sobre a relação que as pessoas estabelecem com os seus lugares. Essas relações podem ser marcadas por dimensões econômicas, como a possibilidade de pescar ou mariscar no mangue para garantir o sustento das famílias, mas também se expressam pela afetividade com os espaços, pela relação estabelecida com a natureza, por determinadas práticas culturais, pelo sentimento de pertencimento a uma comunidade, etc. Lugar aqui assume o sentido de espaço físico mesclado de significação cultural, aos quais são atribuídos valores. Para o IPHAN, o termo Lugar é uma categoria de classificação de bens culturais.[17]

PRESERVAÇÃO

Para Pedro a paisagem do rio Acaraú era muito especial, a mais especial que ele conhecia e por isso era tão assustador imaginar que ela pudesse ser destruída. No entanto, para outras pessoas aquele pode ser só mais um lugar como outro qualquer ou, quem sabe, pode ter gente que nem acha o Curral Velho bonito.

Preservação tem a ver com resguardar; o termo relacionado ao campo do patrimônio traz o sentido de atribuir valor a determinados saberes, práticas, objetos, paisagens, edificações ou formações naturais, além de se referir a ações concretas com vistas a garantir à continuidade dos bens culturais, categorizados anteriormente. Esta ação também pode ser denominada de processo de patrimonialização.

PAISAGEM CULTURAL

Pedro, ao olhar para o rio Acaraú vê coisas que só um olhar atento poderia perceber. Ele conhece aquela paisagem como ninguém e, assim como o povo de sua comunidade, sabe que é do mangue que a sua família retira o sustento. Mas será que essa paisagem diz a mesma coisa para todas as pessoas?

Foi pensando nisso que o geógrafo Rafael Winter Ribeiro refletiu que "a paisagem é uma forma de ver o mundo que tem sua própria história" (RIBEIRO, 2007, p. 27). Pedro só percebia todos os detalhes

do mangue porque ele, assim como seus parentes, morava lá desde o seu nascimento e tem uma história ali. Conhecia os peixes, as plantas e o horário das marés; além disso, tinha um monte de memórias de quando era mais novo e brincava com seus amigos, ou de mariscar com a mãe. Enfim, coisas que só ele e outras pessoas de seu grupo viveram, por isso Espraiado tem um significado muito especial para eles.

Esses lugares "que se revestem de um sentido simbólico imenso […] além do sentido material e funcional que, normalmente, lhes é peculiar" (BENEVIDES, 2001) são considerados patrimônio cultural e devem ter apoio do Estado para que sejam cuidados.



PROPOSTA DE ATIVIDADE

O MANGUE PEDE SOCORRO

Para esta atividade sugerimos uma articulação entre as disciplinas de história, geografia e biologia. A leitura do conto pode ser associada à abordagem sobre a biodiversidade brasileira, ao desenvolvimento da economia local e às questões de patrimônio.

Passo Um: Indicamos que sejam apresentados aos alunos o seguinte vídeo:

1.Documentário: É tudo mentira. Produzido por Envarionmental Justice Foundacion em parceria com Movimento Cultural Arte Manha.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=v6JDBzp1Htc&list=UUMO6P3L-6tVEcqtGTWKKIbNw&index=10&feature=plcp>

Lembre-se de sensibilizar seus alunos para que prestem atenção às informações apresentadas sobre o local e os desafios que a comunidade tem que enfrentar.

Passo Dois: Após assistirem ao vídeo, você pode dividir seus alunos em grupos para pesquisarem sobre a situação do manguezal no Acaraú. Quem são as pessoas que vivem próximo ao mangue? Como pode ser a relação entre o desenvolvimento de atividades econômicas e a preservação desse bioma?

O intuito desta atividade é aproximar a realidade local dos conteúdos apresentados pelo currículo e ressaltar a importância dos mangues como ecossistema e os perigos da exploração desse bioma.

Passo Três: Promova a socialização do resultado da pesquisa entre os alunos e, se for possível, convide outras turmas. Vocês podem utilizar cartazes, exposição de fotografias, fanzines e outros recursos didáticos.

SUGESTÃO DE MATERIAIS COMPLEMENTARES

Para aprofundar as leituras sobre Paisagem Cultural, indicamos o livro **Paisagem Cultural e Patrimônio**, de Rafael Ribeiro. A publicação discute o conceito de Paisagem Cultural, chamando atenção para a forma como ele é utilizado no Brasil e internacionalmente. O livro está disponível para download no endereço: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/SerPesDoc1_PaisagemCultural_m.pdf

O MISTÉRIO DA BOTIJA DE BARRO

O conto *O mistério da botija de barro* foi escrito com o objetivo de abordarmos a presença dos índios antes da chegada dos colonizadores na região de Acaraú. Apesar de o conto se passar no distrito de Aranaú, a ocupação dos grupos indígenas se estendia por todo o litoral cearense. Muitos outros locais de Acaraú abrigaram essas populações que sobreviviam dos recursos naturais extraídos do rio, dos mangues, do mar e da agricultura.[18]

A BOTIJA DE BARRO

A narrativa se desenrola em torno da lenda da botija de barro. As histórias que envolvem botijas cheias de ouro, joias e dinheiro se popularizaram em várias regiões do Nordeste brasileiro. Os jesuítas e holandeses são apontados como donos dos recipientes.[19] A pouca circulação de dinheiro, somada à insegurança e à violência, constantes no período colonial, teria feito com que alguns senhores mais ricos tivessem decidido enterrar seus tesouros. Alguns deles faleceram antes de desenterrar a botija e o segredo permaneceu enterrado, até que o fantasma do dono da botija aparece, geralmente em sonho, indicando o local onde enterrou o tesouro.

Conforme indica Cipriano: "A botija seria, então, essa metáfora que, acionada em diferentes épocas, é reveladora de conflitos, apontando, no entanto, para estranhas negociações, efetivadas nos espaços considerados ocultos, a celebrar a justiça social". [20]

As inúmeras histórias de botijas abordam, como na história de Bento, uma sociedade dividida em classes sociais; alguns conseguiram acumular riquezas, porém, grande parte dos trabalhadores que viviam do suor do seu trabalho e da agricultura de subsistência tinham apenas o necessário para atendimento das necessidades diárias. A figura de José Pereira Brandão representa a chegada dos colonizadores, os quais, ao se estabelecerem na região, passaram a comercializar produtos com os comboieiros.

Essas narrativas revelam as dificuldades vivenciadas em uma época em que os caminhos estavam sendo abertos, em que os vizinhos eram distantes, e em que os barulhos vinham da natureza, do vento, do mar, da vegetação. Um mundo em que o sobrenatural tinha garantia de sobrevivência, as matas, os mangues, o mar e tantos outros locais eram seu habitat. Muitas dessas histórias chegaram aos dias atuais; com as adaptações sofridas ao longo do tempo, foram passadas de geração a geração.

Assuntos abordados nesse conto:

A LENDA DA BOTIJA DE BARRO

O sonho de encontrar o tesouro enterrado e transformar a realidade vivenciada é atemporal, por isso as lendas e mitos continuam tão vivos. Sobre a presença das lendas e mitos no cotidiano, Julie Cavignac esclarece:

[...] os relatos míticos encontrados no Seridó trazem, para o plano real, um universo repleto de personagens sobrenaturais escondidos embaixo da terra ou nas águas subterrâneas, sobretudo nos poços e olhos d´água: as almas e demais aparições ocupam o território, lembrando aos vivos que há uma presença anterior, demarcando espaços com sinais, pedras, "letreiros" e cruzes.[21]

Essa presença anterior de que nos fala a pesquisadora é real, é aí que os mitos

e as lendas, apropriadas e recontadas pelas populações locais, ganham estatuto de ciência. O que muitos caçadores de botijas não sabem, ou sabem, mas não se intimidam, é que o material soterrado é testemunho científico de grupos que habitavam o local antes do presente. O uso dos objetos, sobretudo para o estudo das populações ágrafas, é indispensável para compreendermos como viviam essas populações.

Por isso, o personagem Bento começa a história envolvido pela lenda da botija. É essa história fantástica que o instiga a pesquisar e entender melhor o que poderia ser aquele objeto encontrado na praça. Seu interesse vai evoluindo e acaba levando Bento a cursar arqueologia.

O QUE É ARQUEOLOGIA?

A arqueologia é a ciência que estuda as sociedades por meio dos seus vestígios materiais (móveis, ferramentas, armas, utensílios domésticos, etc.) e sua relação com o meio ambiente. O arqueólogo é o profissional capacitado a realizar escavações e pesquisas necessárias para a melhor compreensão dos artefatos arqueológicos. Ao contrário do que é mostrado nos filmes, o arqueólogo não é um caçador de tesouros perdidos, mas sim um cientista comprometido com a preservação e divulgação do Patrimônio Arqueológico. "O arqueólogo se tornou responsável por construir o passado, a partir da transformação de coisas, do objeto concreto, ou da cultura material, em conhecimento escrito, numa relação entre 'coisas e o texto.'"[22]

PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO

Segundo a Constituição Brasileira de 1988, no artigo 216 e a Lei nº 3.924 de 1961, todos os bens de natureza arqueológica pertencem a nação brasileira e são protegidos por lei mesmo antes de descobertos. Sendo assim, qualquer dano ou omissão causado aos bens arqueológicos estão sujeitos a penalidades judiciais previstas na legislação. Isso significa que, qualquer proprietário de terra que encontrar algum objeto ou sítio arqueológico deverá comunicar ao IPHAN no prazo de 60 dias.

SÍTIO ARQUEOLÓGICO

Os sítios arqueológicos são os locais onde são encontrados os vestígios arqueológicos. Podem ser classificados como sítios de aldeamentos, cemitérios, cerâmicos, grutas e abrigos sobre rochas, inscrições rupestres, sambaquis, dentre outros. Todos os sítios arqueológicos são protegidos por lei.



PROPOSTA DE ATIVIDADE

CONHECENDO AS COMUNIDADES INDÍGENAS DE ACARAÚ.

Passo Um: A partir das questões abordadas no conto sobre as populações que habitaram o território antes da chegada dos colonizadores, proponha uma pesquisa a respeito desses grupos.

Passo Dois: A partir do resultado da pesquisa, proponha uma reflexão sobre as comunidades que atualmente existem no município (Telhas e Queimadas). Qual o imaginário dos alunos sobre os índios? Geralmente para o senso comum índio é somente aquele que anda nu, com penas e cocares. O tempo também passou para os grupos indígenas, e as influências culturais foram transmitidas entre os povos. Convide os alunos a refletirem sobre essas mudanças e permanências.

APRENDENDO A LER OS OBJETOS.

Passo Um: Solicitar que cada aluno traga de casa um objeto.

Passo Dois: Pergunte que aluno gostaria de falar sobre o seu objeto. Permita que pelo menos 5 alunos expliquem para a turma porque escolheram esse objeto. Ao terminarem de explicar, faça algumas observações sobre a relação dos homens com os objetos que carregamos, guardamos ou até mesmo fabricamos ao longo da vida; além disso, chame atenção dos alunos para perceberem como esses objetos fazem parte do nosso cotidiano, sendo possível, através deles, conhecer nossa própria história.

Passo Três: Agora que os alunos já explicaram porque escolheram os objetos, e que o professor já fez as relações entre eles e a memória e história de cada um, peça que realizem uma pesquisa sobre o objeto escolhido. Por exemplo: se o aluno trouxer uma bola para a sala de aula, peça que ele pesquise dados sobre o surgimento desse objeto e os usos que ele teve ao longo do tempo. Por último, a partir da pesquisa realizada, solicite que o aluno recrie esse objeto, através de desenho, maquete, foto, ou qualquer outro suporte disponível.

SUGESTÃO DE MATERIAIS COMPLEMENTARES

No site do Iphan você poderá ter acesso a muitas outras informações sobre a preservação do patrimônio arqueológico. Há publicações (exemplos: Cartas Patrimoniais, Dicionário Iphan de Patrimônio Cultural - http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/617) e a legislação que versa sobre o tema, como por exemplo a constituição de 1988, em seu artigo 216 e a Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961.

BUCO, Cristiane. *Sítios arqueológicos brasileiros.* Santos: Editora Brasileira de Arte e Cultura, 2014. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002335/233500m.pdf> Acesso em: mar. 2017.

FONTELES FILHO, José Mendes (Org.). *História dos Tremembé:* memórias dos próprios índios. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. 94p. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/20403>. Acesso em: abr. 2018.

FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia***.** São Paulo: Editora Contexto. 2006.

PROUS, André. *O Brasil antes dos brasileiros:* a pré-história do nosso país. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007. 102p. Disponível em: <https://leaarqueologia.files.wordpress.com/2013/11/o-brasil-antes-dos-brasileiros-andre-prous.pdf>. Acesso em abr. 2017.

Vídeo "*A invenção do Ceará*". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s5uXOlHAfzA>. O documentário trata da luta pela demarcação da terra e reafirmação da cultura indígena. Produzido pela TV O POVO. Acesso em: mar. 2017.

O CAUSO DE CHICO CIÇO

O conto aborda as lendas e histórias de assombração contadas de geração a geração em Acaraú. Fruto de pesquisas acerca dos seres encantados da região, a narrativa proposta pelo autor faz com que o leitor mergulhe em um mundo de histórias fantásticas. Além das lendas mais lembradas em Curral Velho, o texto faz referência à imagem do "mar" como divindade (caso de Tibério).

Assuntos abordados nesse conto:

LENDAS E CAUSOS: PATRIMÔNIO IMATERIAL A SER PRESERVADO.

O patrimônio imaterial de uma comunidade é constituído por práticas, saberes, representações, lugares, objetos e símbolos, que, transmitidos de geração a geração, fazem parte da história e memória de um determinado grupo. As danças, as festas, as práticas religiosas, a culinária, as artes e os ofícios, dentre outras manifestações, são importantes para a identidade e memória dos grupos sociais.[23]

As narrativas orais, os contos, as lendas e causos contados nas rodas de conversas nas calçadas, nos alpendres, na beira das fogueiras, ou mesmo nas reuniões festivas, fazem parte do patrimônio intangível de diversos grupos e são importantes para as noções de pertencimento e territorialidade. Essas narrativas abordam a relação dos homens com o mundo natural e espiritual, explicitando noções de bem em oposição ao mal, certo ou errado, passado e presente, etc. "As lendas são um conjunto de narrativas, geralmente compartilhadas à beira das fogueiras, comendo assado com grolado. Estas estórias nos sãos contadas por pessoas mais antigas, que as presenciaram e ouviram das mais velhas, geralmente passadas de uma geração a outra, através da oralidade." [24]

Importante destacar que, assim como qualquer outro bem de natureza imaterial, as tradições orais, consequentemente as lendas, os mitos, os causos e as histórias de encantados, não são estáticas. Passam por modificações, supressões ou adequações, dependendo da memória de quem narra e do contexto sócio histórico do narrador. Contudo, a aceleração do tempo e espaço que vivemos atualmente, bem como a globalização e alterações culturais trazidas pelas novidades tecnológicas e transformações econômicas e sociais, põem em risco a continuidade das práticas tradicionais ligadas à cultura popular.[25]

CULTURA POPULAR

O conceito de cultura popular é controverso. Muitos são os significados possíveis para o termo em questão. A definição de que uma prática se refere ou não à cultura popular passa necessariamente por questões de juízo de valor, identidade, contexto histórico e econômico de quem estabelece tal definição.

Historicamente muitos foram os usos para o termo, desde o século XIX. Antropólogos, folcloristas, historiadores, dentre outros profissionais e estudiosos que se debruçaram sobre tal questão, procuraram caracterizar e definir o que seria cultura popular. [26]

As tradições orais, consequentemente as lendas, os mitos, os causos e as histórias de encantados, são constantemente relacionados à cultura popular. Contudo, estudando algumas dessas histórias, é difícil precisar a origem desses contos. A própria oposição entre cultura popular e cultura erudita, entre o escrito e o oral, cidade e campo, dentre outras polaridades, nos coloca diante do perigo da homogeneização.

Muitas foram as versões encontradas sobre as mesmas histórias. O assobiador, o lobisomem e o caixão são narrados com diversas variações; os detalhes sobre os contos variam de acordo com a realidade de quem os descreve. Nesse sentido, o que importa não é encontrar o que muda, ou mesmo defender uma única ou verdadeira versão, mas sim perceber o que está por traz dessas histórias. Por que elas sofrem modificações e qual a relação dessas mudanças com o contexto atual? Nessa publicação você irá encontrar algumas versões dessas histórias.

O ASSOBIADOR

A lenda do Silbón, ou Assobiador, é encontrada em diversos países. Na Venezuela a história tem a ver com um homem que matou o próprio pai. Seu avô puniu então o neto pelo terrível assassinato, amarrando-o em uma árvore e o chicoteando impiedosamente, para depois passar pimenta e álcool em suas feridas. Por fim, soltando cachorros para persegui-lo. O assobiador, como o nome (em espanhol) indica, faz um ruído de assobio quando se aproxima. Porém, quanto mais perto ele está, mais fraco é o som. Se você o escuta muito alto, como se estivesse muito perto, é porque na verdade ele está muito longe. Outra forma de saber se o assobiador está por perto é pelo barulho de ossos batendo que o acompanha a todo lugar, produzido pelos ossos de seu pai que ele carrega no saco que leva nas costas. Dizem que, se o Silbón parar na casa de alguém para contar os ossos em seu saco, e ninguém o ouvir, naquela casa morrerá alguém no dia seguinte.

Em Curral Velho, a lenda ganhou força devido aos fortes ventos que abundam na região, sobretudo entre os meses de Agosto e Dezembro. O barulho do vento acaba lembrando muito um assobio.

Para os índios Tremembé, o assobiador está associado às figuras de Caim e Abel. Com o assassinato do irmão, Caim teria sido obrigado a carregar um grande peso nas costas; ao parar para descansar, soltava um longo e forte assobio, que podia ser ouvido ao longe. Conta a lenda que, se alguém imitar o assobio, o assobiador persegue e chicoteia aquele que o imitou. [27] Existem ainda narrativas que contam que o assobiador é um filho que matou o pai e, como castigo, virou um pássaro que vive assombrando os homens na terra.

O CAIXÃO

Nas noites de lua cheia costumava aparecer nas ruas da comunidade um enorme e misterioso caixão preto. Muitos moradores de Curral Velho já o viram. Dizem que vão andando tranquilamente quando de repente, o caixão aparece. Se estiver mais de uma pessoa no local da aparição, apenas uma consegue vê-lo. As outras pessoas passam por cima e não enxergam. Quem vê logo se assusta e procura desviar imediatamente do caixão. Por termos vários relatos de sua aparição, a "Lenda do Caixão" é um dos grandes mistérios do Curral Velho.

O LOBISOMEM

Conta-se que o sétimo filho de um casal já nascia predestinado a ser um lobisomem. Com esta afirmação, surgem várias descrições de como é um lobisomem. Em Curral Velho, dizem que os lobisomens costumam correr com os cotovelos, desse modo o homem que tiver os cotovelos grossos e com calos é com certeza um lobisomem. Para virar lobisomem um homem vai a um campo aberto, perto de onde ficam os animais, tira suas roupas, e começa a rolar pelo chão. Então surgem pelos, suas orelhas e unhas crescem e pronto, sai por aí à procura de presa, de preferência galinhas. Geralmente, os homens que viram lobisomens são magros, pálidos, peludos e parecem fracos. Mas quando viram lobisomens, possuem uma grande força. Isso pode acontecer raramente durante o dia. Nas noites de lua cheia é bem mais provável de se encontrar um lobisomem.

PROPOSTA DE ATIVIDADES

A DIVERSIDADE DA FÉ.

No caso de Tibério, o texto deixa implícito o pacto feito com Iemanjá pelo pai do menino. Em Fortaleza existe a festa de Iemanjá, que foi registrada como patrimônio imaterial pela Secultfor - Secretaria da Cultura de Fortaleza. Pesquise mais sobre a festa e sobre a relação entre Iemanjá e a água. Compare essa festividade com as festas religiosas de Acaraú. Convide representantes de religiões de matriz africana para explicarem e refletirem a respeito dessas religiões com os alunos.

QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO.

Passo um: Peça que os alunos conversem com os pais e avós sobre as histórias contadas nesse conto.

Passo dois: Estimule a comparação entre a versão contada pelo livro, e as versões contadas pelos mais velhos na comunidade.

Passo três: Aproveite a ocasião para discutir a tradição oral e suas singularidades.

Outras histórias.

Solicitar aos alunos que pesquisem e apresentem em sala outras lendas envolvendo a paisagem local.

SUGESTÕES DE MATERIAIS COMPLEMENTARES

O site do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular tem amplo material de pesquisa, inclusive com conteúdos voltados à educação. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/>

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. Cultura popular, um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). *Ensino de história, conceitos, temáticas e metodologias*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p.83-102.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BUCO, Cristiane. *Sítios arqueológicos brasileiros*. Santos: Editora Brasileira de Arte e Cultura, 2014. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002335/233500m.pdf>. Acesso em: abr.2017.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de. *Patrimônio imaterial no Brasil*. Brasília, DF: UNESCO, 2008.

CAVIGNAC, Julie. Um mundo encantado: memória e oralidade no sertão do Seridó. In: GODOI, Emilia Pietrafesa; MENEZES, Marilda Aparecida de; MARIN, Rosa Acevedo (Org.). *Diversidade do campesinato*: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades. v.1.São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009. p.69-74. Disponível em: <http://www.iicabr.iica.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Diversidade-do-campesinato-vol1.pdf>. Acesso em abr. 2017

CIPRIANO, Maria do Socorro. A botija de rio Formoso e outras histórias. *CLIO*: Revista de Pesquisa Histórica), v. 28.1, p. 1-24,jan./jun. 2010. Semestral. Disponível em: <https://periodicos. ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24237>. Acesso em: abr. 2017.

CONVENÇÃO PARA SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL, 2003, Paris. *Anais*... Paris: UNESCO, 2006. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>. Acesso em: abr. 2017.

FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia.* São Paulo: Editora Contexto, 2006.

GOMES, Alexandre Oliveira; VIEIRA NETO, João Paulo. *Curral Velho Acaraú/ CE:* Projeto Historiando e Rede Cearense de Turismo Comunitário. Fortaleza, 2010. 45 p. Disponível em: <https://docslide.com.br/documents/historiando-curral-velho.html>. Acesso em: abr.2018.

PROUS, André. *O Brasil antes dos brasileiros:* a pré-história do nosso país. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007. 102p. Disponível em: <https://leaarqueologia.files.wordpress. com/2013/11/o-brasil-antes-dos-brasileiros-andre-prous.pdf>. Acesso em: abr. 2017.

RIBEIRO, Rafael Winter. *Paisagem cultural e patrimônio***.** Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

ROCHA, Luiz Carlos Medeiros. *As pedras na história*: o uso de fontes arqueológicas "pré-históricas" para a historiografia. Recife: História Unicap, v. 2, n. 3, p. 64-78, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/download/593/507>. Acesso em: abr. 2017.

SANTOS, Maria Adreuna dos. *Os encantados e seus encantos:* narrativas do povo Tremembé de Almofala sobre os encantados. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

SILVA, I. B. P. *Vilas de índios no Ceará Grande:* dinâmicas locais sob o Diretório Pombalino. 2003. 294 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas - Campinas. 2003. Disponível em: <https://www.cpei.ifch.unicamp.br/biblioteca/vilas-de-%C3%ADndios-no-ceara-grande--din%C3%A2micas-locais-sob-o-diret%C3%B3rio-pombalino>. Acesso em: abr.2017.

NOTAS

17 - Em agosto de 2000 o Iphan instituiu o Decreto nº 3.551 que regula o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial. Os bens podem ser registrados de acordo com quatro categorias: celebrações, formas de expressão, saberes e lugares. Uma vez registrado o bem recebe o título de Patrimônio Cultural Brasileiro e é inscrito em um dos quatro livros de Registro de acordo com a sua categoria.

18 - Sobre os índios do Ceará consultar: SILVA, I. B. P. *Vilas de índios no Ceará Grande:* dinâmicas locais sob o Diretório Pombalino. 2003. 294 p. Tese (doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas - Campinas. 2003. Disponível em: <https://www.cpei.ifch.unicamp.br/biblioteca/vilas-de-%C3%ADndios-no-ceara-grande-din%C3%A2micas-locais-sob-o-diret%C3%B3rio-pombalino>. Acesso em: abr.2017.

19 - O dono da botija muda de região para região de acordo com a realidade local. No livro Menino de Engenho, do autor José Lins do Rego, o dono da botija era o senhor do engenho mais abastado da região. Sobre as lendas das botijas, consultar: CIPRIANO, Maria do Socorro. A botija de rio Formoso e outras histórias. *CLIO*: Revista de Pesquisa Histórica), v. 28.1, p. 1-24,jan./jun. 2010. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24237>. Acesso em: abr. 2017.

20 - Cipriano (2010, p. 19).

21 - CAVIGNAC, Julie. *Um mundo encantado:* memória e oralidade no sertão do Seridó. In: GODOI, Emilia Pietrafesa; MENEZES, Marilda Aparecida de; MARIN, Rosa Acevedo (Org.). *Diversidade do campesinato*: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades. v.1. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009. p.69-74. Disponível em: <http://www.iicabr.iica.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Diversidade-do-campesinado-vol1.pdf>. Acesso em: abr. 2017.

22 - ROCHA, Luiz Carlos Medeiros. *As pedras na história:* o uso de fontes arqueológicas "pré-históricas" para a historiografia. *História Unicap*, Recife, v. 2, n. 3, p. 64-78, jan./ jun. 2015. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/download/ 593/507>. Acesso em: abr. 2017.

23 - Sobre a preservação do patrimônio imaterial consultar: CAVALCANTE, Maria Laura Viveiros de Castro; FONSECA, Maria Cecília Londres. *Patrimônio imaterial no Brasil:* legislação e políticas estaduais. Brasília, DF: UNESCO, 2008. 199p. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001808/180884por.pdf>. Acesso em: abr.2018.

24 - GOMES, Alexandre Oliveira; VIEIRA NETO, João Paulo. *Curral Velho Acaraú/CE:* Projeto Historiando e Rede Cearense de Turismo Comunitário. Fortaleza, 2010. 45 p. Disponível em: <https://docslide.com.br/documents/historiando-curral-velho.html>. Acesso em: abr.2018.

25 - Reconhecendo que os processos de globalização e de transformação social, ao mesmo tempo em que criam condições propícias para um diálogo renovado entre as comunidades, geram também, da mesma forma que o fenômeno da intolerância, graves crises de deterioração, desaparecimento e destruição do patrimônio cultural imaterial devido em particular à falta de meios de salvaguarda. *CONVENÇÃO PARA SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL,* 2003, Paris. *Anais*... Paris: UNESCO, 2006. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>. Acesso em: abr. 2017.

26 - ABREU, Martha. Cultura popular, um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). *Ensino de história, conceitos, temáticas e metodologias*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p.83-102.

27 - Sobre as lendas dos índios Tremembés consultar: FONTENELES FILHO, José Mendes (Org.). *Os encantados e seus encantos:* narrativas do povo Tremembé de Almofala sobre os encantados. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. Disponível em: <www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/20393>. Acesso em: abr. 2017.

UNIDADE III – SERTÃO MAR



Durante a pesquisa que deu origem ao livro *O canto das garças me contou*, foi recorrente a imagem de riqueza do Acaraú por ter sertão e mar. Uma riqueza que não se expressa apenas do ponto de vista econômico, mas também cultural. Assim, nos contos dessa unidade serão abordadas questões pertinentes à relação entre o litoral e o sertão.

CURRAIS DO GADO, CURRAIS DO MAR

No conto *Currais do gado, currais do mar* Inácia, transita entre essas duas paisagens, apresentando vários elementos das duas culturas e como eles se diferenciam em alguns aspectos e em outros se complementam.

São aspectos contemplados neste capítulo:

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

O patrimônio cultural imaterial pode ser entendido como bens culturais cuja centralidade está ligada ao conjunto de saberes, formas de expressão, lugares e celebrações. A divisão entre patrimônio material e imaterial foi estruturada pelo IPHAN para que a preservação desses bens fosse efetiva, contudo na prática a separação entre o patrimônio material e o imaterial não existe, uma vez que, tanto as práticas culturais estão contidas no patrimônio material, como toda prática cultural gera algo material. Assim, nesse conto aparecem, por exemplo, os ofícios tradicionais da pesca e da mariscagem, das rendeiras, das artesãs da palha de carnaúba, bordadeiras e do vaqueiro, que se constituem pelas ações culturais, bem como pelos objetos materiais gerados por essas ações.

ASPECTOS HISTÓRICOS LIGADOS À FORMAÇÃO ETNOCULTURAL DO POVO BRASILEIRO

Você lembra que o narrador diz que a pesca de curral era feita ali há muito tempo e que foi um oficio ensinado pelos índios Tremembé aos portugueses e aos africanos que foram trazidos para cá? Quem eram esses índios? Eles ainda existem? E os negros e portugueses? Esse conto ajuda a refletir sobre o período anterior à colonização. É possível ainda pensar na forma como esses povos se relacionaram entre si e como o contato entre essas culturas tão diversas se manifestam na nossa vida até os dias atuais.

ATIVIDADES ECONÔMICAS

No conto são trabalhadas duas atividades econômicas: a pesca e a pecuária. Ao trazer o personagem do vaqueiro, rememora-se a importância da atividade da pecuária, não só para o Acaraú, mas para todo o estado, afinal, o desenvolvimento do processo de colonização no Ceará só se efetivou a partir do ciclo do gado, e o rio Acaraú foi o segundo maior polo dessa economia. Já a pesca é uma atividade que vem sendo realizada há muito tempo, garantindo a subsistência de várias famílias e comunidades. Durante o período colonial, ela também foi fundamental para absorver a mão de obra da população livre e pobre, motivo pelo qual no século XIX proliferou um grande número de povoados de pescadores que deram origem a várias cidades litorâneas. Os pescadores tiveram papel fundamental em vários episódios importantes da nossa história como é o caso do Dragão do Mar, o Chico da Matilde, que em 1881 organizou os jangadeiros para se recusarem a transportar os escravos. Outro episódio foi a saga dos jangadeiros que, em 1941, saíram do Ceará em direção ao Rio de Janeiro a bordo da jangada São

Pedro a fim de falar com Getúlio Vargas e reivindicar melhorias nas condições de vida para os pescadores.

QUESTÕES DE GÊNERO

Inácia sentiu na pele a dificuldade de querer fazer algumas coisas que só os homens podiam fazer. Essa história pode ajudar a pensar que os papeis sociais atribuídos a homens e mulheres têm mudado ao longo da nossa história; um bom exemplo disso é o direito de votar, ou mesmo de frequentar uma escola.



PROPOSTA DE ATIVIDADES

BRINCANDO DE SER POETA!

A personagem Inácia se arriscou a fazer um versinho contando um pouco de sua experiência entre mar e sertão. Vocês também podem ousar e fazer poemas em sala de aula. Pode ser cordel, versos livres, rap, repente... aquilo com que seus alunos mais se identifiquem.

Passo Um - Depois de ler o conto em sala de aula, motive-os a falar sobre o que conhecem acerca do sertão e do litoral do Acaraú. Promova o debate a fim de estimular a troca de conhecimentos e experiências. Faça um levantamento dos aspectos que se sobressaem nas falas de seus alunos e os utilize como mote para produção dos poemas.

Passo Dois – Deixe que seus alunos escrevam, pode ser em grupos ou individualmente.

Passo Três- Organize um sarau e motive-os a declamarem as suas poesias.



SUGESTÃO DE MATERIAIS COMPLEMENTARES

Para entender melhor as discussões sobre o que é cultura, no livro "**Cultura: um conceito antropológico**", Roque de Barros Laraia fala um pouco sobre como o conceito de cultura mudou ao longo do tempo e como ele está presente no nosso dia a dia, afinal, "a cultura é como uma lente por onde vemos o mundo". É um texto simples de ler e ensina muito sobre a diversidade cultural e os desafios de lidar com as diferenças.

Para conhecer melhor as políticas públicas voltadas ao patrimônio cultural do Brasil: tem um texto chamado "**Políticas culturais no Brasil: balanços e perspectivas**" escrito pela professora Lia Calabre e que ajuda a entender como as políticas têm passado por transformações e como estão imersas em conflitos e disputas de poder. Mas é bom ficar atento que o artigo foi publicado em 2007 e de lá pra cá muita coisa aconteceu...

Para conhecer mais sobre a pesca de curral e os índios Tremembé, o livro "**O encanto das águas: a relação dos Tremembé com a natureza**", escrito pelo professor Gerson Augusto de Oliveira Junior. Já para saber mais sobre a pesca e os pescadores durante o período colonial e imperial, é bom ler o livro escrito por Luiz Geraldo Silva: "Os pescadores na história do Brasil".

Filmes que podem ajudar a conhecer mais sobre o universo da pesca artesanal:

Documentários "**Capitão menino**" e "**Boi de pedra**", de Renata Meireles e Davis Rakes (disponível no Youtube). Ambos ajudam a pensar o papel da brincadeira na aprendizagem dos ofícios ligados à pesca e à pecuária.

Sobre questões de gênero, indicamos o livro "**Gênero, sexualidade e educação**" de Guacira Lopes Louro. Este livro aborda conceitos e teorias relacionados aos estudos de gênero e sua relação com a educação.

Link de acesso: https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/genero-sexualidade-e-educacao-guacira-lopes-louro.pdf

IRMÃOS DE PARTEIRA

O conto *Irmãos de parteira* traz a história de duas famílias diferentes que constroem seus vínculos a partir de uma parteira. Chica parteira é filha de descendentes de Tremembé, e João, de retirantes da seca de 1958. Foi o contexto da estiagem que uniu mar e sertão.

São trabalhados neste conto os seguintes aspectos:

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

O patrimônio cultural imaterial expresso nos saberes das parteiras, no trabalho dos comboieiros, nas práticas tradicionais de cura. O conto mostra como esses ofícios, longe de serem atividades meramente econômicas, propiciavam a construção de redes de relações e solidariedades; aparece também a importância da paisagem para essas pessoas, o vínculo e afetividade que desenvolvem pelos espaços e que lhes dão o sentimento de enraizamento.

AS SECAS

A seca é um fenômeno climático, mas também político, pois, ao longo da nossa história, o discurso sobre a seca tem gerado riqueza para algumas pessoas, em detrimento da miséria e exploração de grande parte da população. Esse fator também aparece nas narrativas sobre o Acaraú, seja pelas inúmeras pessoas que migraram para outros lugares, como para a construção de Brasília; ou ainda pelas obras públicas ocorridas no município, como pavimentação de ruas e reformas de prédios públicos.

FORMAÇÃO ETNOCULTURAL DO BRASIL

Novamente temos a presença dos Tremembé representada pelas personagens de Chica parteira e Conceição Tremembé. Conceição faz menção à santa patrona da Igreja do Aldeamento de Almofala. A partir do conto é possível pensar em como as pessoas do Acaraú têm se relacionado com os grupos indígenas que existem na região, sobretudo nas comunidades de Queimadas e Telhas, localizadas no município.

DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO

O alargamento de ruas e estradas ligando os espaços e a chegada de outros meios de transporte trouxeram uma série de facilidades para a população, mas fizeram ofícios como o de João Comboeiro desaparecerem ou, ao menos, se reinventarem. A ideia de desenvolvimento permeia o imaginário dos brasileiros, mas costuma ser pouco discutido. Afinal, o desenvolvimento beneficia a todos? Que modelo de desenvolvimento se quer?



PROPOSTA DE ATIVIDADE

CONHECENDO O PATRIMÔNIO CULTURAL DO ACARAÚ

Nesta atividade podemos propor aos alunos a realização de um inventário de referências culturais. Primeiro você professor (a) terá que fazer uma pesquisa para conhecer melhor algumas metodologias e conceitos. Depois pode seguir as seguintes etapas:

Passo Um - Você pode iniciar provocando a discussão a partir dos ofícios apresentados no conto. Eles ainda existem? Que mudanças ocorreram? Se não existem mais, por que acabaram? Eles são valorizados? Que importância eles têm para sua comunidade?

Passo Dois - Faça um quadro geral a partir do que for apontado pela turma e então apresente as categorias expressas no Decreto 3.551, de agosto de 2000 (saberes e ofícios tradicionais; lugares; formas de expressão e celebrações) e divida a turma em grupos menores de modo que cada um fique com uma categoria. Dê a eles tempo para que façam o levantamento desses bens e os motive a fazer fotos e/ou filmagens utilizando seus celulares (caso o uso dessa ferramenta não seja viável, defina com a turma qual melhor meio para realizar os registros).

Passo Três - Converse em sala de aula sobre o que cada equipe coletou. Selecione com eles os bens sobre os quais vocês irão aprofundar a pesquisa. Então busque informações, entreviste pessoas mais velhas.

Passo Quatro - Como resultado final da pesquisa, você pode organizar uma grande exposição ou quem sabe promover um momento para homenagear os detentores desses saberes ou mesmo promover oficinas para que os mais velhos expliquem um pouco dos seus conhecimentos aos mais novos.

SUGESTÃO DE BIBLIOGRAFIAS, FILMES E TEXTOS COMPLEMENTARES

Para nós, que estamos discutindo o Patrimônio Cultural Imaterial, é muito importante conhecer o Decreto 3.551, de agosto de 2000, pois foi ele que instituiu o registro de bens culturais de natureza imaterial e foi a partir deste decreto que houve um reconhecimento legal do valor cultural de bens de natureza imaterial. Esses bens são organizados em categorias: 1. Saberes; 2. Celebrações; 3. Formas de expressão e; 4. Lugares.

Outra dica importante é procurar a página do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, que é o órgão público federal responsável pela preservação do patrimônio cultural brasileiro. Ao longo de sua história, esta instituição tem produzido muitos materiais para pesquisas e estudos. No site você vai encontrar textos, fotografias, documentários, programações culturais nacionais e links para outros sites relacionados.

O Iphan também elaborou um manual que traz várias metodologias de inventários participativos. Além de explicar o que é um inventário participativo, ele lhe ajuda a pensar os passos da pesquisa. É um material bem didático que pode lhe ajudar a conduzir essa atividade e está disponível na página:

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventariodopatrimonio_15x21web.pdf>

Para saber mais sobre a questão da seca e dos campos de concentração de que José lembra no conto, você pode ler o livro "**Campos de concentração do Ceará: isolamento e poder na seca de 1932**" de Kênia Rios e o documentário "**As almas do povo é o santo do povo**", disponível no youtube.

REFERÊNCIAS

AS ALMAS do povo é o santo do povo. Coordenação Fram Paulo. Trilha sonora Carlos Ney. Senador Pompeu: Ponto de Cultura Arte sobre Rodas, [20--]. Vídeo (19 min 46 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-kFWjWtIQGA>. Acesso em: dez. 2016.

*BOI de pedra***.** Direção: David Reeks e Renata Meirelles. Produção: Gabriela Romeu. Pesquisa: Gandhy Piorski. Maranguape: Mapa de Bricar, [20--]. Vídeo (4 min 20 s), vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cWnXfrhCV_w>. Acesso em: dez. 2016.

BRASIL. Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o registro dos bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm>. Acesso em: set. 2017.

CALABRE, Lia. Políticas culturais no Brasil: balanço e perspectivas. In: III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 3.,2007, Salvador. *Anais*... Salvador: [s.n.], 2007.

*CAPITÃO Menino***.** Autoria Renata Meirelles e David Reeks. [S.l.]: Projetobira, [20--]. Vídeo (7 min 43 s), Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-VdGlZMawn8>. Acesso em: dez. 2016.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Educação patrimonial: inventários participativos:* manual de aplicação. Brasília, DF, 2016. 132 p.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura:* um conceito antropológico. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação:* uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997. 179 p. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/genero-sexualidade-e-educacao-guacira-lopes-louro.pdf>. Acesso em: set. 2017.

NEVES, Berenice Abreu de Castro. *Do mar ao museu:* a saga da jangada São Pedro. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.

OLIVEIRA JÚNIOR, Gerson Augusto de. *O encanto das águas:* a relação dos Tremembé com a natureza. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

RIOS, Kênia Sousa. *Campos de concentração do Ceará:* isolamento e poder na seca de 1932. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2001.

SILVA, Luiz Geraldo. (Coord.). *Os pescadores na história do Brasil*. Recife: CPP, 1988.

UNIDADE IV - CIDADE



Esta unidade surgiu da necessidade percebida durante a fase de pesquisa de se trabalhar aspectos da Sede do município. A Sede do município teve papel importante no desenvolvimento local, guarda edificações históricas e talvez seja a parte do município que mais sofre com as mudanças.

Vamos conhecer um pouco.

A palavra cidade vem do latim "civitate", noção próxima de "civitas" que deu origem as palavras cidadão e civilização. O termo cidade varia conforme o contexto histórico e político em que foi elaborado. Os debates sobre o termo são muitos e variados.

Para este trabalho utilizamos o termo cidade como sinônimo de espaço urbano. Considerando assim o espaço geográfico onde se concentra maior densidade populacional, os serviços, tais como bancos, hospitais e sede da administração pública. É o aglomerado populacional que se difere do espaço agrícola.

O BARCO DO TEMPO

A narrativa deste capítulo se desenvolve após um acidente durante um dia de trabalho dos personagens Lino e Nico, que os faz viajar no tempo até o ano de 1949. A partir daí os personagens vão conhecer costumes de antigamente e buscar uma forma de voltar ao tempo presente.

São aspectos abordados neste capítulo:

PESCA ARTESANAL

Na história, Lino e Nico são pescadores que aprenderam seu ofício com seus pais e avós. O cotidiano de ir ao mar, os equipamentos, o significado das marés, das estrelas, são parte deste aprendizado. Mas também são jovens do seu tempo e se utilizam dos benefícios do GPS, do motor a diesel e da luz elétrica alimentada por baterias. A ideia aqui é refletir com os alunos sobre estas mudanças e permanências. Podendo tratar ainda da questão da economia da pesca do município, o assoreamento do Rio Acaraú e a ocorrência de acidentes com embarcações menores que não são avistadas pelos grandes navios que navegam na costa do Ceará.

PATRIMÔNIO CULTURAL

O termo patrimônio, segundo o dicionário, se refere a "herança paterna", "bens de família". No cotidiano da maioria de nós, o termo é utilizado com relação ao que diz o dicionário, ou seja, bens que herdamos de nossa família ou que adquirimos durante a vida. Mas quando o termo é patrimônio cultural a definição se amplia para além da herança familiar, diz respeito ao conjunto de bens culturais que são identificados como herança cultural de determinado grupo social.

Em *O barco do tempo* esse patrimônio cultural é abordado desde o início; o narrador apresenta, por exemplo, Lino repetindo uma frase de seu pai Antônio, que é uma referência aos saberes que passam de pai para filho. No decorrer da história são apresentadas descrições de Acaraú do final da década de 1940, a partir de fontes orais e do jornal O Acaraú. Neste sentido, buscou-se contar um pouco do passado da cidade para que em sala de aula se possa pensar sobre: O que mudou? Que edificações ainda permanecem desde aquela época e quais já não existem mais? Como

é comemorado o aniversário da cidade nos dias de hoje? Como são os meios de transporte? Todas essas são questões que podem ser desenvolvidas a partir da leitura deste capítulo.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

Vamos trabalhar as noções de mudanças e permanências a partir dos espaços onde o aluno vive. A atividade terá como tema a escola e se desenvolverá em duas etapas.

Passo Um - Dividir os alunos em grupos que devem realizar as seguintes atividades:

O grupo um deve observar os espaços que compõem a escola, verificando os detalhes que no dia a dia podem passar despercebidos. Os uniformes, a alimentação e o material escolar devem ser considerados nesta atividade. Para documentar a observação, os alunos podem utilizar desenhos ou fotografias.

O grupo dois deve realizar entrevistas com funcionários mais antigos, ex-alunos, pessoas que moram nas proximidades da escola. As entrevistas devem ter como foco as mudanças e permanências na estrutura do prédio, nos materiais utilizados no dia a dia, dentre outros que você professor identifique como pertinentes.

O terceiro grupo deve pesquisar sobre a história oficial da escola. Quem escolheu o nome da escola? Por que foi dado este nome? Em caso de uma personalidade, quem foi essa pessoa? Como a história registra sua história? Existe alguma pessoa que faz este trabalho?

Passo Dois - Após a coleta das informações, cada equipe deve apresentar seus resultados e em acordo devem decidir a forma de divulgar as informações coletadas. Pode ser a criação de um jornal impresso ou digital, uma exposição temporária, um memorial, um blog.

É importante que você professor faça uma reflexão com os alunos sobre as características que tornam a escola um patrimônio coletivo.

SUGESTÃO DE MATERIAIS COMPLEMENTARES

Para conhecer mais sobre as mudanças pelas quais a Sede do município de Acaraú passou, existe um trabalho monográfico, intitulado **AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS EM ACARAÚ NA VIGÊNCIA DO REGIME MILITAR - CEARÁ (1964-1985)** de Maria Josiele de Andrade Silva, apresentado na Universidade Vale do Acaraú - UVA. Este material pode ser encontrado na biblioteca do Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (LABOME), da UVA, em Sobral.

Sobre a pesca existe outro trabalho monográfico, de RAIMUNDO DENIZAR DOS SANTOS PIRES, que aborda o modo de vida dos pescadores do Acaraú, o título é **A PROFISSÃO DE PESCADOR NO MUNICÍPIO DE ACARAÚ-CE.**

Link de acesso ao PDF: http://www.recantodasletras.com.br/trabalhosacademicos/5873195

OU TEM DEMAIS OU ESTÁ FALTANDO

Neste capítulo vamos conhecer Flora, uma garota que vai fazer um trabalho da escola e descobre um segredo de sua família. A ideia aqui é trabalhar a história familiar como componente para conhecer a história do município.

São aspectos abordados neste capítulo:

SECAS

A localização geográfica de Acaraú contribui para que o município seja bem abastecido de água, aparentemente sofrendo pouco com os problemas provocados pela estiagem. Mas, como sabemos, as secas não são um problema apenas climático, elas possuem contornos políticos e sociais que impactam e muito a vida de todos. É neste contexto que a história deste capítulo se baseia, pois se trata de uma jovem garota que, ao pesquisar sobre a igreja matriz, descobre que em uma das reformas foi utilizada mão de obra de retirantes das secas. Mas como isto era possível, se em Acaraú muitos sofrem devido às enchentes? Com este mote é possível abordar as consequências da estiagem no município, as formas como eram tratados os retirantes e o papel do governo durante estes períodos.

PATRIMÔNIO CULTURAL

Conhecer a si próprio, sua história, suas origens é um primeiro passo para que o aluno compreenda o que é patrimônio cultural e possa valorizar e preservar o mesmo. Através da narrativa deste capítulo é possível trabalhar: O que é patrimônio? Como identificamos um patrimônio? Qual relação existe entre o patrimônio cultural do município e a história pessoal de cada aluno?

FONTES HISTÓRICAS

A história enquanto ciência utiliza de fontes para compreensão e interpretação do passado. As fontes históricas são quaisquer registros humanos produzidos ao longo do tempo; podem ser objetos, imagens, monumentos, documentos oficiais, entrevistas, diários pessoais, depoimentos orais, dentre outros vestígios. Neste capítulo, a personagem Flora tem acesso a fotografias e a um diário de sua avó, descobrindo diversos aspectos sobre a história de sua família. Mesmo sem ser historiadora, a menina realizou um trabalho com fontes. Neste sentido, você professor pode explorar o conceito de história e como se desenvolve uma pesquisa nesta área.



PROPOSTA DE ATIVIDADE

EU FAÇO PARTE DA HISTÓRIA DE ACARAÚ

Sugerimos que seja trabalhada a história das famílias dos alunos relacionadas à história do município.

A atividade consiste em solicitar aos alunos que busquem junto a seus pais, avós e familiares mais próximos, informações sobre a história de sua família, de onde eram seus avós, se sempre viveram no município, em que trabalhavam, como seus pais se conheceram. Após a coleta dessas informações, cada aluno deve ler para a classe o que descobriu. Em seguida, você professor deve fazer com que os alunos discutam o que as informações coletadas podem dizer sobre a história do município.

A ideia é aproximar o aluno da história, fazê-lo compreender que a história é construída por todos nós, ou seja, que ele é um agente dessa história e que sua trajetória individual e de sua família são parte da história de Acaraú.

SUGESTÃO DE MATERIAIS COMPLEMENTARES

Para aprofundar os conhecimentos sobre a construção da narrativa histórica e abordar questões como a memória coletiva, indicamos o filme "*Os narradores de Javé*" (1 h: 42 min: 1 seg), que conta a história de moradores de uma pequena cidade que será atingida pela construção de uma barragem que para escapar deste destino, decidem contar a história do lugar.

Link de acesso: https://www.youtube.com/watch?v=A5BH_PwbXck

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história, ou, o ofício de historiador.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o registro dos bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm>. Acesso em: set. 2017.

BRASIL. Decreto-lei nº. 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 6 dez. 1937. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0025.htm>. Acesso em: set. 2017.

BRASIL. Lei nº 10.256, de 10 de julho de 2001. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 17 jul. 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10257.htm>. Acesso em: set. 2017.

BRASIL. Lei nº. 4.845, de 19 de novembro de 1965. Proíbe a saída, para o exterior, de obras de artes e ofícios produzidos no País, até o fim do período monárquico. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 22 nov. 1965. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4845.htm>. Acesso em: set. 2017.

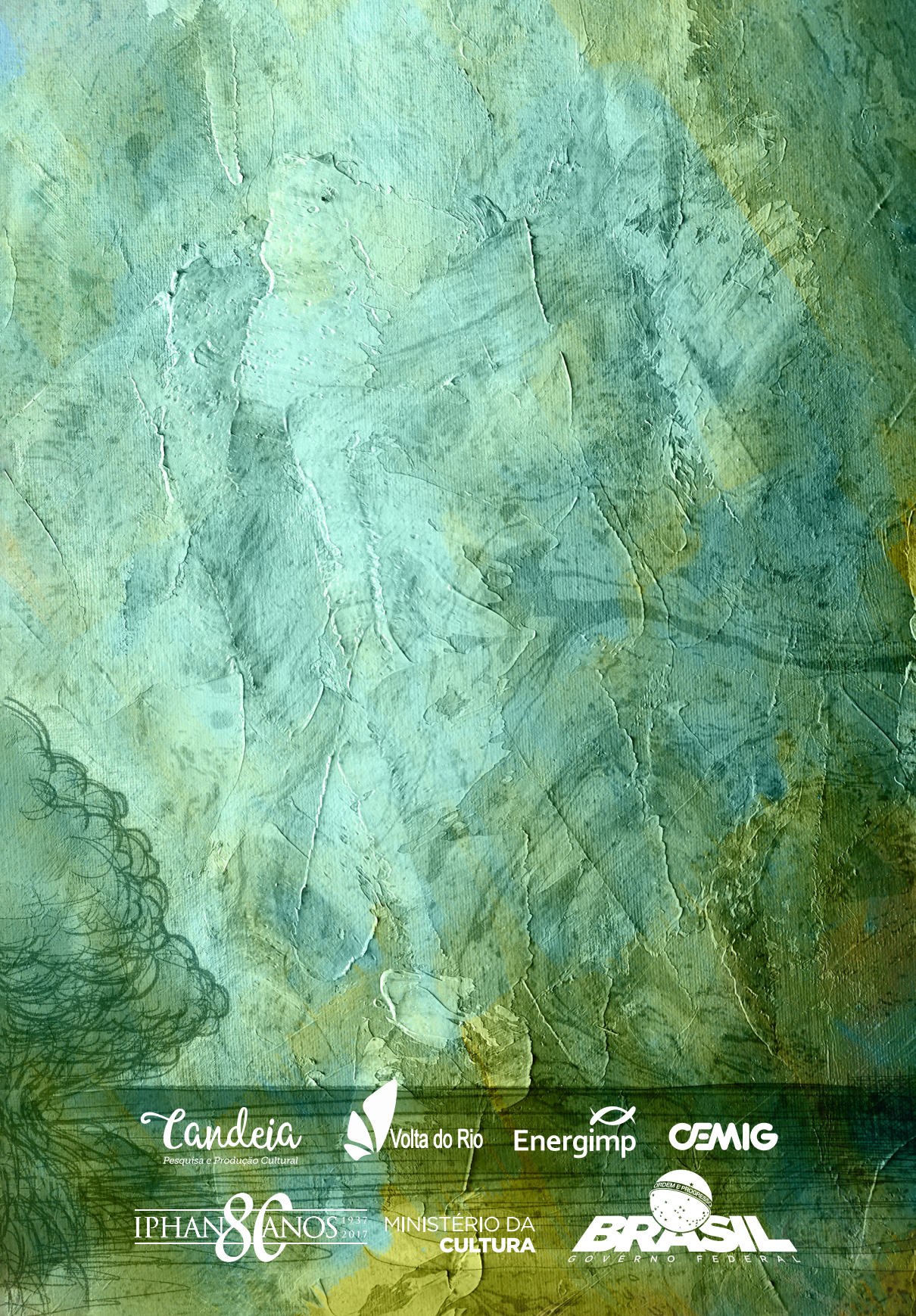
KARNAL, Leandro. *História na sala de aula:* conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003. v. 1, 216 p.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). *O historiador e suas fontes.* São Paulo: Contexto, 2009. 333 p.

PIRES, Raimundo Denizar dos Santos. *A profissão de pescador no município de Acaraú--CE (1996 – 2013).* 2013. 53 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2013. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/trabalhosacademicos/5873195>. Acesso em: ago. 2016

SILVA, Maria Josiele de Andrade. *As transformações urbanas em Acaraú na vigência do regime militar - Ceará (1964-1985).* Monografia (Graduação em História) - Universidade Vale do Acaraú, Sobral, 2015.

ANOTAÇÕES DO PROFESSOR


Candeia
Pesquisa e Produção Cultural
Volta do Rio
Energimp
CEMIG
IPHAN 80 ANOS 1937 2017
MINISTÉRIO DA CULTURA
ORDEM E PROGRESSO
BRASIL
GOVERNO FEDERAL